

BALBUCIO-PERFORMA-AULA

**André Quintino Lopes, Antonio Wellington de Oliveira Junior,
Edmilson Forte Miranda Júnior, Greta Frota Moraes de Andrade,
João Vilnei de Oliveira Filho, Joubert de Albuquerque Arrais
(Universidade Federal do Ceará)**

Aula: “preleção sobre determinada área de conhecimento, feita por professor e dirigida a um ou mais alunos, geralmente em estabelecimento de ensino, por período de tempo específico; lição; qualquer atividade de ensino, envolvendo professor e alunos, dentro desse período de tempo” (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa).

Na acepção dicionarizada do termo, o que prevalece é o senso-comum, i.e., eminentemente, o de aula como lugar, tempo ou procedimento de transmissão de conhecimento preferencialmente já formalizado de algum modo. Indício da historicidade da formação dos campos semânticos na língua (*langue*) a partir dos usos que dela se faz ou, como em Saussure, da fala (*parole*). Em termos sincrônicos, da raiz etimológica – lat. *aula*, ae ‘pátio de uma casa, palácio, corte de um príncipe’, adp. do gr. *aulê,ês* ‘todo espaço ao ar livre, pátio de uma casa’, p.ext. ‘residência, moradia’ –, pouco resta; menos ainda quando, numa arqueologia da palavra, chega-se ao ócio como o vínculo arcaico entre estes espaços a-funcionais, propícios, graças à essa “inutilidade”, ao diálogo, ao debate, à argumentação, ao conhecimento, *latu sensu*, enfim. Inexoravelmente determinados, nas sociedades industriais, por uma racionalidade tecno-instrumental (como a definiu Adorno), estes lugares – confinados em instituições de ensino, fragmentados em séries, títulos e especialidades, inteiramente taxonomizados, por assim dizer – em nada respeitam o princípio do *dolce far niente* como condição *sine qua non* para qualquer ação epistemológica. Da natureza sagrada do termo – aula – a parte mais íntima e oculta de um santuário, conforme utilização possível na antiguidade, se algo persiste no uso corrente, permanece recalcado na vida etimológica do nome, posto que, em potência.

–Atualiza-te!: comando imperioso da conferência performática intitulada “BALBUCIO-PERFORMA-AULA”. Aí, membros do Projeto Balbucio – coletivo de artistas do Brasil – encarnam um professor e seus alter-egos possíveis, para dissertar sobre a natureza, o conceito, a função e os elementos constituintes, assim como discutir as possibilidades e limites pedagógicos, epistemológicos e heurísticos do que historicamente – do peripatetismo à teleconferência – foi definido como aula.

Nada de nostalgia piegas ou de posicionamentos apocalípticos (Eco). Sem negar o estado de coisas tecnológico atual, mas assumindo-o criticamente, o trabalho é uma meta-aula na qual recursos audiovisuais multimidiáticos (internet, câmeras digitais, telefones celulares, retro-projetores, data-shows, microfones, amplificadores e auto-falantes: parafernália já incorporada à sala de aula hoje), a exibição de depoimentos de artistas e imagens de suas obras – transmitidas, ao vivo, via rede –, como também de material pré-produzido, e a própria ação performática do coletivo articulam, polifonicamente, o que, no campo da filosofia, das teorias dos signos, dos estudos da oralidade, das teorias da comunicação e da retórica, tange à aula como lugar de produção e transmissão de conhecimento, de um lado, e, de outro, toda uma dimensão subjetiva e existencial, discente e docente, que lhe é própria e natural e não pode mais ser negligenciada. Ampliando a questão: a variada tecnologia, digital ou analógica, de armazenamento, processamento e difusão de informação não esgota a razão de sua presença aqui na função de mero suporte ou mediação tecnológica. Se, desde McLuhan, não se pode distinguir absolutamente meio e mensagem, no mundo instaurado pela complexa rede resultante da totalidade dos procedimentos informacionais em curso – a infosfera – a própria atividade semiótica destes meios definem novos paradigmas éticos, estéticos e, sim, epistemológicos; constitui, no dizer de Pierre Levi, a cibercultura. O elo entre aula e tecnologias de informação/comunicação é, portanto, óbvio e necessário. Também ela, a aula, é afetada. Sua conformação atual, prevalente na prática e senso comuns, altera-se com a intromissão daquele aparato tecnológico. Tempo e espaço transmutam-se: a sala se virtualiza e se expande; o tempo acelera-se, ou distende-se. Aqui, a linearidade da razão cartesiana é paulatinamente sobrepujada por configurações mais rizomáticas, segundo a figura de Deleuze. Talvez seja possível dizer, se em consonância com Balman, que a instituição aula, cria do moderno pensamento pequeno-burguês, se liquefaz. Idéia, não fenece, reconforma-se, quiçá, mais em acordo com sua essência, com sua arché.

Em “BALBUCIO-PERFORMA-AULA”, a função metalingüística (hegemônica, sim, mas não monádica, em toda e qualquer aula) encontra, na leitura da produção artística do Projeto Balbucio, em particular nas obras “Cores Berrantes”, “Gelo Ogival”, “Ternos”, “Glossolalic Machine #1: Cenacula”, “Via Corpus”, “Save Ours Souls” e “Fiandeiras” sua matéria metafórica, seu tropo ideal. Não por acaso. A análise da produção do coletivo reforça os procedimentos metalingüísticos, em primeiro lugar, porque ela mesma resulta da reflexão feita em sala de aula. Projeto de Extensão do

Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (Brasil), o Balbucio, desde 2003, tem estimulado a produção e a reflexão em arte e comunicação dentro do espaço acadêmico para o qual a sala de aula, o ensino, é sua ação motivadora e justificadora. Em segundo lugar, e sobretudo, porque grande parte das questões acima referidas à aula pode, igualmente, ser aplicada à produção do coletivo brasileiro. Da análise das obras, novos pontos tangenciais reafirmam as interface constantes entre os elementos no eixo balbucio-obra [performa(nce)]-aula: **1.** a noção de performance como a ação comunicativa e investida de autoridade de um corpo instaurando um tempo/espaço altero, seguindo a lição de Zumthor; **2.** a persistência da voz, e do mundo da oralidade que ela produz e mantém, nas sociedades informacionais a despeito da onipresença das máquinas [estas tendem estranhamente a se converter, à medida que reificam todos os pontos inerentes ao sistema comunicativo (emissor, receptor, canal, código, mensagem, referente, tomando o modelo proposto por Jakobson, mais geral e difundido) num alter-corpus semiótico do homem. E portanto só retornam às origens e reforçam aquela persistência]; **3.** caos/ordem/entropia: há, aqui (a produção) como lá (a aula), sempre um equilíbrio frágil e efêmero, uma homeostase que se restabelece contínua e dialeticamente nos jogos entre procedimentos de desautomatização, deslocamento, estranhamento e os testados e aprovados pela tradição que caracterizam os procedimentos criativos em geral. Longe de uma oposição diametral irreconciliável, de negação absoluta entre o novo e o antigo, o que tais jogos encenam mais aproxima-se de uma relação de implicação mútua (tradição x inovação), como adverte Lothman; **4.** abertura, inacabamento, devir; **5.** polifonia, intertextualidade, semiose infinita; **6.** natureza híbrida de investigação e proposição sobre/para a ação do homem no mundo (eu-eu, eu-outro, eu-mundo, eu-outro-mundo), por que compete a ambos (ciência e arte) – e, para isso, será preciso diferenciar autonomia estética de ausência de telos, e, assim, preservar-lhes, sem falsear-lhes qualquer especificidade, a função cognitiva...

7. “BALBUCIO-PERFORMA-AULA”: na sala de aula convencional, imagens pré-produzidas ou captadas ao vivo ou transmitidas via internet ou pilhadas nela ou paradas ou em movimento somadas a som, ruído, música, voz, silêncio são a matéria prima para a atividade verbo-voco-visual (vide Décio Pignatari) do coletivo. A feição policacofônica da composição, em superfície, parece respeitar exclusivamente ao espírito desconstrutivo das vanguardas estéticas do começo do século XX, a uma razão dadaísta, por assim dizer. Pouco subsiste, aqui, da linearidade, recorrente ao ponto da naturalização, da narrativa aristotélica, admite-se; mas, na ação sincrônica das alegorias

encenadas em cada obra, um sentido [talvez mais impreciso, imprevisível, incontrolável, irreprodutível, mesmo inefável, todavia, como nas glossolalias (suspeitavam disso os dadaístas?)] mais essencial e profundo, mais sublime desvela-se. Em tal atividade, tempo e espaço concretos fendem-se para que um tempo-espaço sagrado se atualize. Nisso também comungam ambos.

Dialética moto-perpétuo – levadas ao limite, as interfaces tratadas até agora conduzem à circularidade hermenêutica entre a produção aqui submetida à crítica e a aula, de modo que sejam ambas, uma para a outro, matéria metafórica e metalingüística.